

ARTUR XEXÉO



Acho que Cafu só não reclamou mais porque estava evidentemente encantado com a presença de Luis Fernando Veríssimo no grupo



XEXÉO: o capitão Cafu ficou encantado com Veríssimo

Uma noite em Bergisch Gladbach

• A primeira pessoa que eu deveria ter visto no hotel-castelo Lerbach, onde a seleção brasileira estava concentrada, na cidade de nome impronunciável Bergisch Gladbach, era o Roberto Carlos. Alguém da nossa equipe falou que ele estava passeando no gramado. Mas eu não o reconheci.

Assim, a primeira pessoa que vi, depois de todos os seguranças que perguntaram quem éramos, quantos éramos e o que queríamos, foi o... Ronaldão. Temi pelo pior. Afinal, Ronaldão não tem sido o personagem favorito desta coluna. Mas ele foi gentil e educado. Deu para perceber que os textos do colunista não fazem parte de sua leitura habitual. Tentei puxar conversa.

— Bem, por aí a conversa não iria adiante. — E o jogo com a França? Você está considerando uma revanche? — perguntou o Rodolfo. Ou teria sido o Ancelmo? — Para a imprensa, vou ter que dizer sempre que não existe clima de revanche. Que é um jogo de Copa do Mundo como outro qualquer. Mas por dentro não dá para deixar de sentir que vai ser revanche, sim.

Seguimos em frente. Carlos Alberto Parreira, nosso anfitrião, motivo da ida dos colunistas do GLOBO ao castelo, estava ali numa mesa de varanda, tomando água mineral com... ué, não é o Gilberto Gil? O que é que o Gilberto Gil está fazendo na concentração? É bobagem perguntar. Gilberto Gil sempre está em todos os lugares quando tem uma Copa do Mundo na Europa. Foi assim na França. Não tem sido diferente na Alemanha. Gil se despede. Parreira recebe seus convidados. Zagallo estava por perto, mas sumiu depois da saída de Gil.

Alguns dos convidados tomam capuccino, Parreira continua na água e a equipe da Conspiração Filmes — Andrucha Waddington com a câmera, Breno Silveira cuidando do som — junta-se ao grupo para registrar a conversa. A seleção está sendo filmada 24 horas por dia para um filme que, de acordo com as primeiras notícias, seria lançado daqui a quatro anos. Na época da Copa da África do Sul. Mas não é bem assim. — Se o Brasil for campeão,

vamos antecipar este processo — revela Breno Silveira. O começo da conversa não deve ter rendido muito para o assédio que a seleção sofre da imprensa. Parreira não se conforma de se ter gasto tanto papel com notícias sobre a bolha de Ronaldo. E — parece que toda a seleção é assim — acha que a imprensa critica excessivamente os jogadores brasileiros e os esquemas táticos de nosso time. O assessor de imprensa da CBF, Rodrigo Paiva, aproveita para citar o caso de Cafu. O capitão do time se sente perseguido e considera que nunca foi valorizado pela imprensa.

A conversa já estava em outro tópico quando o próprio Cafu surge de surpresa. E faz suas xexaixas de viva-voz. Acho que Cafu só não reclamou mais porque estava evidentemente encantado com a presença de Luis Fernando Veríssimo no grupo. — Deixa eu cumprimentar este senhor — disse ele, dirigindo-se a Veríssimo. O grupo foi se dispersando. Ancelmo juntou-se ao pessoal da Conspiração. Cora foi batalhar novos fragmentos de sua capivara. E, aos pouquinhos, o papo morreu. Vale acrescentar que tudo foi acompanhado de um vinho cujo nome tenho a mesma incapacidade de pronunciar quanto Bergisch Gladbach e uma série de canapés que pareciam saídos da cozinha de Cher no filme "Minha mãe é uma serena". Não sei se vocês se lembram do filme, mas posso garantir que, assim como teria acontecido se tivéssemos como os canapés de Cher, não fui capaz de identificar nenhum dos elementos que compunham as minúsculas esculturas alimentícias. Dizem que a cozinha do castelo é a terceira cozinha da Alemanha. Espero não passar pela experiência de entrar em contato com a quarta.

Confraria

'Ronaldinho precisa de tranquilidade'

Em conversa com colunistas do GLOBO, Parreira diz que jogador vai ter seu momento

Luis Fernando Veríssimo, Ancelmo Góis, Artur Xexéo, Cora Rónai, Rodolfo Fernandes e Tadeu de Aguiar

BERGISCH GLADBACH

O relógio ainda está na hora do Brasil, que Parreira se recusa a mudar, embora só pretenda voltar depois do dia 9 de julho; o coração está na França, próxima adversária; e a cabeça, na seleção da Alemanha, com a qual, deixa escapar, traindo seu conhecido autoproblema, prefere não cruzar. Foi assim que o técnico da seleção brasileira, hoje um homem perseguido diariamente por quase mil jornalistas, recebeu o time do GLOBO no suntuoso Castelo Lerbach, a sua forçada residência atual na Alemanha até ontem, para uma descontraída e reveladora conversa sobre — claro — Copa do Mundo. A convite de Parreira, cruzamos no início da noite de quarta-feira a barreira de seguranças que esconde os maravilhosos jardins deste hotel ligado à sofisticada cadeia Relais et Chateaux, de onde saímos algumas horas depois. Apesar da beleza e da sofisticação, nem Parreira e nem seu maior jogador, Ronaldo, com quem cruzamos nos gramados jogando golfe, pretendem voltar lá um dia.

— É calmo demais — diz Parreira, fazendo coro com o atacante.

Se é calmo na aparência, o castelo abriga uma tensão compatível com o fato de hospedar o time com as maiores estrelas do planeta justamente num momento em que o desempenho dela está em xeque pela torcida e pela imprensa — dois assuntos cuja menção sempre provoca exaltação na seleção. Tem sido assim desde que a Copa começou. E será que vai ser até o fim? Descobrimos que o problema incomoda também o técnico e os jogadores. Depois do jogo com a seleção de Gana, o meia Ricardinho, em conversa com Parreira, tocou num ponto que, pensava-se, não havia penetrado no Castelo Lerbach.

— Professor, estamos ganhando mais não estamos dando show — queixou-se Ricardinho.

Em seguida, foi a vez de Parreira conversar sobre o mesmo assunto com ninguém menos que o "presidente" do time, o atacante Ronaldo, autor do mais bonito lance da seleção até aqui na Copa, o dribble sobre o goleiro de Gana em que marcou seu gol-recorde em Copas. Pela euforia com que comenta o lance ("Foi uma coisa espetacular"), e pelo relato que faz das conversas com os jogadores, Parreira deixa claro que o tema o inquietava, mesmo que em entrevistas siga repetindo o bordão de que o importante é ganhar. O técnico deixa claro que é o primeiro a reconhecer que o time pode fazer mais. E vai fazer, garante. Para a partida contra a França, promete uma atuação com menos passes errados e menos abafação de alguns jogadores.

— Vocês acham que os jogadores não querem jogar bonito? O técnico não quer? Claro que todos querem, mas nem sempre é possível, todo mundo joga fecho. Nesta Copa, pela primeira vez, os times europeus tiveram um mês de descanso, estão todos fisicamente fortes, está muito difícil. O importante é vencer os sete jogos, convencendo. E isso estamos procurando fazer.

A síntese do problema em torno da discussão sobre dar ou não show na Copa talvez seja a situação de Ronaldinho Gaúcho, com atuações muito abaixo do que se esperava dele. Parreira não evita tocar neste tema, talvez hoje o ponto mais delicado dentro da seleção, que intriga toda a torcida brasileira e a imprensa estrangeira. — O que está acontecendo real-



A PEDIDO DE PARREIRA, foto para a sua máquina nova, tirada por Andrucha Waddington: Veríssimo e Rodolfo (sentados); Tadeu, Cora, Cafu, Ancelmo e Xexéo (em pé)

mente com Ronaldinho Gaúcho, que não tem jogado tudo o que se espera dele? — perguntamos. — Olha, temos que ter paciência com o Ronaldinho. Ele é um craque, vai ter seu momento. Foi muita pressão em cima dele, essa coisa de melhor do mundo, chega numa Copa com uma carga muito grande. Todos os jornais o tratavam como o jogador que seria a grande estrela da Copa. Não vou ensinar o Ronaldinho a jogar bola. O que tenho que fazer é conversar muito com ele para ele reencontrar seu futebol, dar apoio a ele. Temos que fazer o mesmo que fizemos com Ronaldo: dar tranquilidade. Ronaldinho vai brilhar, tenho certeza. É na fase final que os grandes jogadores se sobressaem — diz Parreira.

— Quero ver bem longe da final o país-anfitrião. Diziam que a Alemanha estava mal e eu sempre disse que era a grande favorita da Copa. Joga em casa, ao lado da torcida, tem feito grandes jogos. Enfrentar o time da casa é sempre muito difícil. Parreira acha que a França, contra quem jogamos amanhã, tem um time muito forte e, sobretudo, um time que está crescendo durante o torneio. Lembra que eles são muito experientes, têm vários jogadores da Copa de 98. Para ele, a etapa mais complicada, o primeiro jogo da eliminatória, a fase em que voltar para casa é vexame, já passou. Mas ele insiste que a Copa está muito equilibrada.

— Tanto que até agora não apareceu o craque da Copa. Quem é o grande jogador desta Copa? E o melhor time? Não tem ainda. Esta Copa é histórica, pois levou para as quartas-de-final todos os países que são campeões mundiais, à exceção do Uruguai, que não está na disputa. É a Copa na Europa, é sempre mais complicado. Em 2002, Japão, Coreia e Turquia chegaram até as quartas. Mas na Europa é outra coisa. A Copa é disputada a uma temperatura amena, os jogos têm muita força e velocidade.

Por isso, o mistério da escalada do Brasil vai continuar. O time seguirá sendo divulgado em cima dos jogos, sempre na véspera à noite (para os jogadores), e no dia da partida (para a imprensa). É uma prerrogativa que diz querer manter. Justifica que tem muitas alternativas, dependendo de cada adversário: um ataque mais forte e robusto com Ronaldo e Adriano, ou um que se movimenta mais, com Robinho.

— Vocês tiveram durante 40 dias o time escalado, todo mundo sabia qual era. Agora, por várias circunstâncias, tenho revelado aos jogadores só na véspera. Mas todos vão dormir sabendo quem vai jogar no dia seguinte, acho isso importante. Parreira está totalmente treinado para não se traír e revelar o time que jogará contra a França. Confrontado com as características dos franceses e uma possível necessidade de um ataque mais movimentado, ele não abre a guarda:

— Se avançar nesse raciocínio, estaria escalando o time... Há 41 dias fora do Brasil, o técnico não faz nada que não seja

ligado a futebol, nem compras, nem visitas a lugares históricos — só pensa em ganhar a Copa. Anda encantado mesmo é com sua nova máquina fotográfica. Ele interrompe a conversa com os colunistas para pegá-la e mostrar à Cora. Com 8.1 megapixels e um display touch-screen de 3", faz filmes em VGA (quer dizer, quadros de 640 x 480, que podem ser eventualmente separados do contexto como fotos) e permite criar slide-shows, com música e tudo, sem conexão com qualquer computador — ele usa isso em suas palestras. Foi lançada há poucos meses.

Este tem sido seu único hobby na concentração, já que desde dezembro não pinta. — Disso eu sinto falta. Ele não sai nem mesmo nas folgas, fica no hotel mesmo. Foi uma vez a Colônia, mas nem entrou na catedral, já que conhecia (estudou na Alemanha há tempos, durante quatro meses).

— Que folga? Só tenho meio dia de folga, o jogo acaba, a gente volta para a concentração e vai dormir. Os jogadores, sim, saem à noite. Eu já tive essa fase. Agora, chego e vou dormir. As vezes anda pela internet, lê alguns jornais e só. A família, prefere que fique no Brasil.

— Parentes por aqui tiram o foco no trabalho. Apesar disso, o castelo serve como refúgio para os jogadores e Parreira acha isso bom. Diz que os jogadores têm tranquilidade e que agora vai começar a fase de ficar em hotéis no centro das cidades, no qual são obrigados a praticamente, se trancar nos quartos. Mesmo assim, Parreira não mostra entusiasmo pelo sofisticado castelo em que a seleção ficou nos últimos dias:

— Eu nunca viria aqui de férias. É muito parado. Em determinado momento da conversa, o técnico se levanta para tirar fotos com sua máquina fotográfica:

— Não vou perder a chance de registrar este encontro — diz o técnico. Quando fez o convite para conversar com os colunistas do GLOBO que não tratam especificamente de futebol, Parreira disse que queria marcá-lo num dia em que tivesse tempo e calma para conversar, como na quarta-feira à noite.



CORA atenta à "aula" do professor Parreira sobre a lei do impedimento



ANCELMO conversa com Parreira em busca de notas para a coluna



CAFU, sorridente e descontraído, ao lado de Parreira, numa visita-surpresa

Um capitão ferido

Cafu não entende algumas críticas

• Sorriso aberto e com jeito tímido, Cafu se aproxima da mesa. Cumprimenta os jornalistas do GLOBO. Fazia poucos minutos, Parreira falava do assédio da imprensa à seleção. Cafu é introduzido ao tema pelo assessor de imprensa da CBF, Rodrigo Paiva, que faz a ressalva, logo questionada pelos presentes, de que o capitão da seleção não tem o merecido reconhecimento dos jornais brasileiros.

— Em 94, eu era muito jovem; em 2002, eu não sabia cruzar; agora, estou velho — reclama Cafu, mantendo o sorriso e o olhar tímido.

Ele ouve o argumento de que as críticas marcam mais que os elogios e que a imagem dele está associada à conquista do penta. Citam o gesto de erguer a taça e a citação a Jardim Irene, bairro da periferia de São Paulo.

— Eu aprendi a lidar com a crítica. Não me incomoda, embora eu não entenda algumas coisas. É pior para os familiares. Eles sofrem mais. O meu pai diz que gostaria de

ver como reagiriam se falassem assim dos filhos deles — afirmou, reconhecendo, porém, que é admirado pelo torcedor brasileiro.

Aos 36 anos, Cafu reconhece que esta é a sua última Copa e diz não ter planos para o futuro, embora queira trabalhar no futebol.

— Como técnico, não. Tem vida igual à de jogador. Se bem que técnico pode receber amigos, tomar vinho (risos). Falando sério, técnico tem muita responsabilidade.

Cafu pretende voltar a morar em São Paulo, diz que não terá problemas de adaptação, e só lamenta a violência.

— Não vejo problemas para me readaptar. O trânsito de Milão é tão complicado quanto o de São Paulo. O problema é a violência.

O lateral tem três filhos. Ele aposta que o do meio leva jeito para o futebol. Alguém brinca que o mais velho vai virar jornalista.

— Mas não vai poder falar mal do irmão — disse, arrancando risadas, pouco antes de se retirar.

E, realmente, o técnico não estava nada impaciente. A conversa começou com um capuccino ao ar livre e se estendeu, mais tarde, quando esfriou, numa mesa de jantar perto da sala onde reúne os jogadores para conversas e análises de vídeos dos adversários. Da adega do castelo da seleção, saiu um vinho tinto première grand cru classé, cuja origem os presentes não tiveram tempo de registrar, pois estavam mais atentos à conversa com o treinador e ainda tinham que dirigir à noite.

Quero ver bem longe da final o país-anfitrião. Eu sempre disse que era a grande favorita da Copa

PARREIRA

Parreira aparenta calma, embora seja conhecido o seu autoproblema. Mas, segundo os integrantes da Conspiração Filmes, que gravam o dia-a-dia da seleção, nunca o viram tão relaxado numa conversa desde que se juntaram ao grupo. A ponto de ter dedicado alguns minutos a uma "aula" sobre a lei do impedimento, a regra mais complicada do futebol, para a colunista Cora Rónai, que enfrenta a sua primeira Copa do Mundo e nunca antes tinha assistido a uma partida de futebol — Cora achava que impedimento era alguma coisa relativa a tirar Lula do governo...

— Sem a lei do impedimento, não haveria o futebol como o conhecemos. O impedimento é a essência do futebol — ensinou o professor Parreira.

Após o técnico falar sobre seu primeiro trabalho na carreira, em Gana, Veríssimo pergunta sobre sua passagem por outros países.

— Como foi trabalhar naquele estranho país, o Rio Grande do Sul — ironiza o escritor gaúcho. Parreira, que treinou o Inter (Veríssimo é Grêmio...) conta nunca ter trabalhado num lugar em que o futebol tem tanta rivalidade. Nem na Turquia, onde dirigiu o Fenerbahce. Embora diga entender o trabalho da imprensa, Parreira revela muita impaciência com o excesso de assédio e com o que

considera, às vezes, muita notícia por nada.

— Quantas páginas de jornal foram gastas para falar da bolha do Ronaldo!

— Mas uma bolha no pé de um dos maiores jogadores de futebol do mundo, às vésperas da Copa do Mundo, que é o maior evento do mundo, não é notícia? — pergunta Xexéo.

— É. Acho que tem que fotografar a bolha do Ronaldo. Mas foi demais. Foi um exagero. Acho que, depois desta Copa, a imprensa brasileira deveria fazer uma reflexão. Ouço muitas críticas de leitores que estão achando a cobertura excessiva. A imprensa eleger, por causa de um único jogo contra os Estados Unidos, a República Tcheca como a grande seleção desta Copa. Pois os tchecos já foram embora. A Espanha conseguiu um resultado expressivo e passou a ser tratada como favorita. Pois os espanhóis já foram embora. A imprensa diz que o novo futebol vem da África e da Ásia. Foi os africanos e os asiáticos já foram embora.

E acrescenta: — Antigamente, havia dez jornalistas no máximo para um jogador. Hoje, há mais de cem, há centenas de câmeras em cima da seleção, filmando tudo.

Filmas inclusive dentro da concentração, pois a seleção será tema de um filme que está sendo produzido pela Conspiração Filmes. Os diretores Andrucha Waddington e Breno Silveira gravaram trechos da conversa de Parreira com o GLOBO.

Antes das despedidas, o técnico "rejeita" a sua principal característica, na visão da torcida: — Eu teimoso? De jeito nenhum...

Alguém brinca com ele: — Parreira, bota o pontal! — lembrando o bordão que ficou famoso na época de Telê Santana e que hoje seria adaptado para: "Parreira, bota o lateral..."

Ele desconfia: — Ponta nem existe mais. No dia seguinte ao jantar, pelo visto, o técnico acordou cedo — e bem-humorado. Às 6h45m já estava no computador e mandou para o e-mail de Cora Rónai a foto que estava em sua máquina registrando o encontro, tirada por Andrucha. Parreira ainda fez uma gozação com a colunista do GLOBO, lembrando os ensinamentos da véspera: — Já está em condições de dar aulas sobre impedimento? ■

DIÁRIO DACORA



Foi uma aula sui generis, na qual uma garrafa de água mineral fez papel de goleiro, três copos foram jogadores e a tampinha da garrafa serviu de bola



OUVINDO ATENTAMENTE as explicações de Parreira. A Capivara sabe tudo sobre futebol e é capaz de manter uma discussão em alto nível sobre o tema, mas fala menos do que o Veríssimo

Gente como a gente

• Dizer que esta Copa está sendo uma revelação para mim já virou lugar comum — mas certas expressões viram lugares comuns exatamente por expressarem, com tanta eficiência, determinados sentimentos ou situações. Visitar o castelo onde a seleção está concentrada, encontrar Ronaldo e Cafu, conversar com Parreira — bem, tudo isso foi, mais uma vez, uma revelação para mim.

Quando nos encontramos no GLOBO, antes da Copa, tive a melhor das impressões do nosso técnico: gostei de verdade do Parreira, pessoa que contraria todos os clichês que se criam a respeito das grandes estrelas do esporte. Pois esta primeira impressão foi confirmada em Lerbach. Parreira é uma simpatia, é gentil e extremamente paciente — não tira mais ou menos de letra as críticas — mas sofre por tabela com a forma como essas críticas ferem seus pais, suas mulheres, seus filhos. Apesar da celebridade planetária, dos milhões no banco e dos carrões na garagem, eles são simples seres humanos. E todo ser humano, à exceção de alguns malucos, prefere carinho a pedrada.

Foi uma aula sui generis, na qual uma garrafa de água mineral fez papel de goleiro, três copos foram jogadores e a tampinha da garrafa serviu de bola. É só não explicar o que é para quem não sabe porque, infelizmente, as imagens do jornal ainda são estáticas, e eu precisaria mover umas pecinhas para repetir a Magna Aula.

Como todo mundo, eu também achava que os jogadores choram de barriga cheia quando reclamam da concentração. Ficam em hotéis nobres, cercados de todos os luxos da civilização, de massagistas, de videogames, de shampoos e de produtos de beleza. Mas a cara de tristeza do Ronaldo, quando comentei que estavam num paraíso, foi de dar dó? — Paraíso por um dia, né? Pois não é que sou obrigada a concordar? Castelos, por luxuosos que sejam, não têm nada de aconchegante. É lindo conviver com toda aquela natureza do jardim quando se tem liberdade de ir e vir, mas não há piscina, spa ou ofurú que dê jeito no tédio de uma gaiola dourada, ainda mais no clima de tensão de uma Copa do Mundo.

Mais: nem todos os heróis estão em campo. Uma das figuras fundamentais para a tranquilidade da seleção é Rodrigo Paiva, assessor de imprensa, que, como é da profissão, fica de marisco entre os jogadores e os jornalistas. Acontece que, de um lado, ele está lidando com as pessoas mais famosas e assediadas do planeta; e, de outro, com um número cada vez maior de jornalistas. Há simplesmente cerca de cinco mil colecionistas credenciados para cobrir a Copa e, pelo visto, todos têm o telefone dele. Nunca, mas nunca mesmo, vi barra tão pesada e marcação tão cerrada em cima de uma só pessoa: qualquer empresa de tecnologia tem equipes de comunicação muito maiores do que a CBF — e convenhamos que mesmo o lançamento de um novo iPod, por emocionante que seja, não atrai uma parcela da atenção despertada pelos camaradinhos fechados lá no castelo. Deus, que é bom e gosta do Rodrigo, recompensou-o dando-lhe como namorada a Maitê Proença; mas bem que a CBF podia dar ao rapaz uma equipe à altura do nosso time de estrelas.